

**LIVROS, LEITURAS E IDEIAS EM TORNO DA BIBLIOTECA DE UM
ESCRITOR NEGRO DO RIO DE JANEIRO DO INÍCIO DO SÉCULO XX¹**

Denilson Botelho

Departamento de História / UNIFESP

botelhofdenilson@gmail.com

Tendo se tornado chefe do serviço da publicidade na Hachette, Zola mergulha, até o pescoço, na vida literária de Paris. Os autores mais conhecidos entram em seu escritório e desabafam. Ele os escuta falar com ingenuidade de suas ambições, de seus números de vendagem, da vontade que têm de ganhar a estima de tal ou tal crítico, da publicidade insuficiente que é feita em torno do último de seus livros. [...] Discreto e eficaz, Zola aprende, junto deles, o lado secreto da profissão de escritor. Acreditam que Zola está lá para servi-los quando, na verdade, são eles que o servem, emancipando-o. Antes mesmo de ter publicado um único volume, assemelha-se a eles no manejo das artimanhas do sucesso. Assim, conhece Duranty, o doutrinador do realismo, Taine, Renan, Littré, Saint-Beuve, Guizot, Lamartine, Michelet, About, Barbey d’Aurevilly... A maior parte, apesar do talento e da genialidade, precisa de dinheiro, e de suas bocas saem apenas palavras como contrato, tiragem, garantia, partilha de direitos, relações com a imprensa... E Zola os compreende. Para ele também, a literatura deve ser ao mesmo tempo um sacerdócio e um ganha-pão (TROYAT, 1994, p. 45-46).

¹ Esta comunicação é resultado do projeto de pesquisa intitulado “Livros, leituras e ideias: história e crítica literária em Lima Barreto”, que conta com apoio da FAPESP através de Auxílio à Pesquisa – Regular (Processo nº 2018/19023-4).

Esta comunicação aborda a trajetória de um homem negro que se fez escritor num país cujo governo atual insiste em negar o passado que não passa, um passado de escravidão secular.

A motivação central das pesquisas que venho desenvolvendo sobre literatura é pautada por algumas questões que convém explicitar já de início. São questões norteadoras das seguintes preocupações: Quem escreve? Em quais condições sociais, políticas, econômicas e culturais o faz? Como o produto do seu trabalho é apropriado, lido e consumido? E, sobretudo, qual a relação dessa produção literária veiculada na imprensa com o mundo social do qual ela deriva?

Na base dessa motivação é possível situar Raymond Williams a ressaltar a importância de se compreender o processo de feitura da forma literária (WILLIAMS, 1979, p. 185-190), na medida em que se entende a produção literária como um ofício concreto que nos cabe desvendar e não o resultado da ação de seres extraordinários dotados de inspiração e talentos excepcionais que os qualificam como literatos. Aliás, a epígrafe desse texto, extraída de uma biografia do escritor Émile Zola, ressalta justamente o quanto estamos tratando de indivíduos que veem a literatura também como um ganha-pão. Afinal, o próprio Williams já se encarregou de nos mostrar que essa concepção romântica do ofício da literatura tem também a sua história, que nos remete a uma estratégia urdida no século XIX para fazer frente aos avanços do capitalismo industrial que ameaçava transformar tudo em mercadoria, inclusive a arte. A invenção da tradição do artista romântico (WILLIAMS, 2011, p. 54-72) acabou impondo, frequentemente, dificuldades para se compreender a literatura numa perspectiva materialista, como prática social e como experiência.

Nesse sentido, é que investigo os cruzamentos entre uma biblioteca francesa responsável por parte significativa da formação intelectual de Lima Barreto (1881-1922) e a sua produção literária, notadamente a crítica literária, veiculada originalmente através da imprensa do período. O cotejamento entre sua atividade em jornais e revistas e as leituras que fez, pode contribuir para explicar, em grande parte, suas concepções de cultura, arte e literatura, e sua atuação na imprensa brasileira.

Convém ressaltar que, ao me referir à biblioteca particular de Lima Barreto, estou me referindo a algo que não sobreviveu ao tempo e não existe mais. E antes que alguém comece a pensar que me falta a materialidade das fontes para viabilizar a pesquisa, cabe um rápido esclarecimento sobre o destino desses livros. Quando faleceu precocemente aos 41 anos de idade, o escritor carioca pertencia a uma família humilde e morava num bairro do subúrbio da Capital Federal. E coube a um amigo custear as despesas do seu sepultamento. Em agradecimento pela generosidade do gesto, a família deu a biblioteca do escritor para esse amigo que, aparentemente, não se mostrou muito interessado no acervo e o armazenou num cômodo inadequado de sum sítio em Jacarepaguá, zona rural da cidade na época. Quando Francisco de Assis Barbosa (1988), biógrafo de Lima Barreto, descobriu, décadas mais tarde, o destino da biblioteca, já era tarde demais. Os livros tinham sido devorados por pragas e insetos. Contudo, sobreviveu um inventário detalhado do acervo, feito pelo seu proprietário, poucos anos antes do seu falecimento. É através desse inventário que temos acesso, de algum modo, ao conteúdo daquela biblioteca. Se não é mais possível consultar os exemplares que compunham aquela biblioteca particular, pode-se examinar edições publicadas na época – entre o final do século XIX e o início do século XX -, possivelmente próximas ou, quiçá, as mesmas que Lima Barreto possuía. Assim, seguimos movidos e inspirados pela mesma inquietação que move o narrador de *Dom Casmurro*:

Catei os próprios vermes dos livros, para que me dissessem o que havia nos textos roídos por eles.

- Meu senhor, respondeu-me um longo verme gordo, nós não sabemos absolutamente nada dos textos que roemos, nem escolhemos o que roemos, nem amamos ou detestamos o que roemos; nós roemos.

Não lhe arranquei mais nada. Os outros todos, como se houvessem passado palavra, repetiam a mesma cantilena. Talvez esse discreto silêncio sobre os textos roídos fosse ainda um modo de roer o roído (ASSIS, 1994, p. 827).

Feito o esclarecimento necessário sobre a Limana, nome que o escritor atribuiu a sua biblioteca, retomo o rumo da exposição.

Uma das atividades que o escritor carioca Lima Barreto exerceu na imprensa do Rio de Janeiro no início do século XX foi a crítica literária. São dezenas de artigos publicados em diferentes jornais e revistas, tomando a literatura como objeto central. Parte da formação intelectual que subsidiou essa crítica literária pode ser observada no inventário que o próprio autor elaborou do acervo que compunha sua biblioteca particular. E essa era uma biblioteca majoritariamente francesa, já que dos seus 707 volumes, 430 correspondiam a edições originalmente publicadas em francês. Na tabela abaixo pode-se ter uma noção do perfil dos idiomas que compunham a Limana:

Idioma	Quantidade de títulos
Francês	430
Português	223
Italiano	23
Espanhol	11
Inglês	10
Alemão	1
Não identificado pelo inventário	9
Total	707

São recorrentes as referências que o literato carioca faz a autores franceses que lhe serviram de base para formular uma concepção de literatura, bem como para avaliar e classificar a produção literária que chegava às suas mãos e era objeto de análise crítica e comentários. Dentre essas referências, destaco três exemplos: Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893), Ferdinand Brunetière (1849-1906) e Jean-Marie Guyau (1854-1888), cujos livros constam da referida biblioteca e são frequentemente citados nos seus textos de crítica literária.

Aliás, é importante ressaltar que essa crítica literária não se concentrou num único veículo de imprensa. São ao todo 55 textos dispersos em 15 periódicos, como se pode notar na tabela abaixo:

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Periódico	Período	Quantidade de textos publicados
<i>A.B.C.</i>	1918 - 1922	18
<i>Careta</i>	1920 - 1922	7
<i>A Estação Teatral</i>	1911	6
<i>Gazeta de Notícias</i>	1920 - 1921	5
<i>Correio da Noite</i>	1913 - 1915	3
<i>Revista Contemporânea</i>	1918 - 1919	3
<i>Floreal</i>	1907	2
<i>Argos</i>	1919	2
<i>Revista Sousa Cruz</i>	1921	1
<i>A Lanterna (Rio)</i>	1918	1
<i>O País</i>	1922	1
<i>A Folha</i>	1920	1
<i>O Estado</i>	1920	1
<i>Rio-Jornal</i>	1921	1
<i>Gazeta da Tarde</i>	1911	1
Não identificado	1919 - 1920	2
Total		55

Compartilho aqui um breve exercício de análise das possibilidades que essa pesquisa nos oferece para compreender a importância e o significado dessas leituras francesas sobre a atuação de Lima Barreto na imprensa da Capital Federal no início do século XX. A hipótese a ser confirmada consiste exatamente em dimensionar o quanto essa francofonia verificada na biblioteca suburbana do escritor foi responsável por sua formação intelectual, contribuindo para a compreensão de sua concepção de literatura e sua atividade literária (OAKLEY, 2011).

Vejamos alguns exemplos.

Ao analisar a obra *Mau olhado*, do autor paulista João Pedro da Veiga Miranda, publicada no Rio de Janeiro, pela editora Leite Ribeiro e Maurillo, em 1919, o crítico literário a classifica como um romance sociológico e embasa essa classificação no

filósofo francês Jean-Marie Guyau (1854-1888). Deste autor, consta no inventário da Limana o livro *La morale anglaise contemporaine*, obra que testemunha a influência de Herbert Spencer sobre o filósofo. Embora não conste na Limana, é possível afirmar que Lima Barreto leu também outra obra de Guyau, *L'Art au point de vue sociologique*, que orientaria e pautaria sua atividade literária, seja como escritor, seja como crítico.

Nessa crítica, publicada na *Revista Contemporânea*, em 26 de abril de 1919, apesar de elogiar a descrição densa e detalhada que Veiga Miranda faz de uma fazenda típica do século XIX no romance, Lima Barreto observa que falta-lhe algo fundamental para uma trama que se passa nos tempos da escravidão: o escravo. E justifica: “A antiga propriedade agrícola de um tipo geral [...] não poderia existir sem o escravo”.

Nota-se, portanto, que o olhar sociológico do crítico literário advém, em parte, de leituras francesas das quais sua biblioteca e sua crítica literária fornecem evidências. Ao publicar o artigo “O destino da literatura”, na *Revista Sousa Cruz*, em 1921, Lima cita *A arte do ponto de vista sociológico*, de Guyau, como referência para formular seu conceito de literatura, reproduzindo um trecho dessa obra, em que Guyau afirma que a arte

“é a expressão da vida refletida e consciente, e evoca em nós, ao mesmo tempo, a consciência mais profunda da existência, os sentimentos mais elevados, os pensamentos mais sublimes. Ela ergue o homem de sua vida pessoal à vida universal, não só pela sua participação nas ideias e crenças gerais, mas também ainda pelos sentimentos profundamente humanos que exprime” (BARRETO, 1956, p. 66).

Provavelmente Lima Barreto inquietou-se com o fato de Veiga Miranda retratar uma fazenda desprovida de escravos, num procedimento que representaria uma espécie de traição à missão que atribuía à arte literária, já que para ele “o destino da literatura e da arte deixou de ser unicamente a beleza, o prazer, o deleite dos sentidos, para ser coisa muito diversa” (BARRETO, 1956, p. 64). Vale lembrar que, através do texto dessa conferência – jamais pronunciada –, o escritor pretendia responder a uma pergunta chave: para que serve a literatura? Ou, como a literatura pode contribuir para a felicidade de um povo? E, resumidamente, sua resposta foi no sentido de argumentar que “o fenômeno

artístico é um fenômeno social e o da Arte é social para não dizer sociológico” (BARRETO, 1956, p. 56).

Em artigo publicado na revista *A.B.C.*², em 1918, intitulado “Literatura militante”, Lima Barreto tece comentários sobre o escritor Carlos Malheiro Dias, a propósito de um artigo que esse autor publicou no jornal *O Paiz*, intitulado “À margem do último livro de Anatole France”, em que expressa certo desprezo por literatos militantes. Lima responde a Dias: “Como eu sempre falei em literatura militante, [...] tomei o pião na unha”. Afinal, segundo LB, “A começar por Anatole France, a grande literatura tem sido militante. [...] Todas, ou quase todas as suas obras, se não visam a propaganda de um credo social, têm por mira um escopo sociológico. Militam”. Lima defende que a literatura deve se ocupar do debate das questões da época e não de questões de forma, de casos sentimentais e amorosos e da idealização da natureza. Deve ser militante e não contemplativa. Citando o crítico literário Ferdinand Brunetière (1849-1906), argumenta que a literatura “tem por fim interessar, pela virtude da forma, tudo o que pertence ao destino de todos nós”.

Por fim, abordo ainda um terceiro texto, dentre esses 55, que vale a pena mencionar para indicar os caminhos desse conjunto da crítica literária. Trata-se de uma crítica ao livro *Penso e creio*, de autoria de Perillo Gomes (1890-1952)³. À título de comentar a obra, Lima Barreto formula basicamente duas críticas à Igreja Católica: sua histórica aliança com o capital e sua cumplicidade criminosa com a escravidão negra em vários países. E, de novo, para embasar sua argumentação, Lima faz referência a diferentes autores.

O texto, publicado também na *A.B.C.*, em 1921, já se inicia afirmando que:

“De uns tempos a esta parte, os fartamente enriquecidos [...] resolveram apelar para a religião, fonte de consolação para os humilhados e oprimidos, sobretudo a religião católica, a fim de estabilizar a sua situação e o futuro de sua descendência. O que

² A revista *A.B.C.* foi um semanário político, dirigido a princípio por Ferdinando Bola e depois por Paulo Hasslocher e Luís de Moraes. Lima Barreto publicou na *A.B.C.*, em 11 de maio de 1918, o manifesto maximalista. Em 1º de fevereiro de 1919 suspendeu colaboração na *A.B.C.*, pelo fato de ter sido publicado nessa revista um artigo contra a raça negra.

³ Perillo Gomes foi um escritor católico alagoano, nascido em 1890 e morto em 1952. Publicou *Penso e creio* em 1921. Pertenceu ao Centro Dom Vital, fundado em 1922, que reunia a intelectualidade católica.

vai acontecer, mete-lhes medo e pedem auxílio à religião, no intuito de defender as suas cobiçadas fortunas” (BARRETO, 1956, p. 77-78).

Lima vincula o autor ao que chama de “catolicismo de Petrópolis”.

“Digo catolicismo de Petrópolis porque o Senhor Perilo Gomes não se pode furtar em confessar que a sua obra não é de pura contemplação, não é uma confissão, não é um ato de contrição de sua irreligiosidade passada; é militante, é dirigida aos que pensam, aos condutores do pensamento nacional [...]. É, em substância, no sentido mais alto da palavra, uma obra política e o catolicismo de Petrópolis, por todos os meios, tem visado fins políticos, pacientemente, sornateiramente”. (BARRETO, 1956, p. 80)

E prossegue, filiando *Penso e creio*

“à ação do partido que se esboça aí com o título de nacionalismo. A Igreja quer aproveitar ao mesmo tempo a revivescência religiosa que a guerra trouxe, e a recrudescência exaltada do sentimento de pátria, também consequência dela, em seu favor aqui, no Brasil. O tal partido, pelos seus órgãos mais autorizados, está sempre a apelar para as tradições católicas de nossa terra; e não é difícil ver nisso o desejo de riscar da carta de 24 de fevereiro a separação do poder temporal do espiritual e suas consequências, como: o casamento civil e o ensino oficial inteiramente leigo” (BARRETO, 1956, p. 81).

Ou seja, não passa despercebido ao crítico a tentativa de boicotar a separação entre Estado e Igreja Católica, bem como seus desdobramentos, como o casamento civil e o ensino laico. Lima Barreto vê na ligação entre Estado e Igreja “uma violência inqualificável contra a consciência individual”, suplantada pela Constituição republicana.

Além disso, acusa a Igreja de ser cúmplice da escravidão. E cita Hippolyte Taine (1828-1893), em *Origenes de la France Contemporaine* (do qual havia um exemplar na Limana) para fundamentar seu argumento, pois foi somente com “a Grande Revolução” que desapareceu a escravidão antiga, para a qual a Igreja fechou os olhos. Ressalta ainda que a Igreja não impediu “a moderna escravidão negra nem propagou a sua abolição [...]”. A sua atitude perante a nefanda instituição [...] foi a de reconhecer-lhe, senão a legalidade, pelo menos a necessidade” (BARRETO, 1956, p. 84).

“Esta incapacidade que a Igreja demonstrou para abolir a escravidão negra nas colônias dos países catolicíssimos, como a França, a Espanha e Portugal, dá a entender que ela não tem mais força para reprimir no coração dos seus fiéis a ganância, a cupidez, mesmo quando essa ambição desenfreada de dinheiro e de lucro se faça em troca da dignidade moral da pessoa humana. [...] Nunca foram tão íntimas as relações do clero com o capital” (BARRETO, 1956, p. 85).

O autor encerra a crítica afirmando não ter má vontade ou hostilidade em relação a Perillo Gomes, embora o reconheça como um adversário (BARRETO, 1956, p. 85). Suas considerações sobre essa cumplicidade da Igreja com a escravidão refletem também a peculiaridade da biblioteca de um literato negro e o modo como essa condição se evidencia no exercício da sua crítica literária.

Lima Barreto é um escritor que tem sido objeto de diversas pesquisas em diferentes áreas e sobre o qual muito já se escreveu e publicou. Contudo, se há algo ainda por fazer é uma criteriosa investigação sobre os significados de sua biblioteca particular e a função que esta coleção de livros cumpriu tanto no processo de sua formação intelectual, quanto na sua atividade de crítico e literato. Segundo Judith Lyon-Caen, se consideramos a literatura como uma experiência de estar no mundo, cabe compreender os elementos que a história traz para a escrita romanesca. Não para reduzir a literatura ao seu enquadramento numa época, mas sim para esclarecer como uma época confere sentido à literatura. O estudo do acervo bibliográfico do escritor pode fornecer um quadro ainda mais esclarecedor a respeito da sua atividade literária. O desafio de recompor esse

circuito que começa com as leituras e termina com suas publicações não é de pequena monta, mas mostra-se dos mais promissores. Se sua biblioteca não sobreviveu fisicamente para contar essa história, o escritor nos deixou o inventário dos livros que ele mesmo elaborou. Seus livros, leituras e ideias já são material suficiente para o ofício do historiador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSIS, Machado de. “Dom Casmurro” in *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 827, vol. 1.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

BARRETO, Lima. “O destino da literatura” in *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 51-69.

BARRETO, Lima. “Reflexões e contradições à margem de um livro” in *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 77-86.

BOTELHO, Denilson. *A pátria que quisera ter era um mito: história, literatura e política em Lima Barreto*. Curitiba, Editora Prismas, 2017.

GUYAU, Jean-Marie. *La morale anglaise contemporaine*. Paris: G. Baillière, 1879.

GUYAU, Jean-Marie. *L’Art au point de vue sociologique*. Paris: F. Alcan, 1889.

LYON-CAEN, Judith. *La lecture et la vie: les usages du roman au temps de Balzac*. Paris : Tallandier, 2006.

MIRANDA, João Pedro da Veiga. *Mau-olhado*. São Paulo: COM-ARTE, Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

OAKLEY, Robert John. *Lima Barreto e o destino da literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

TROYAT, Henri. *Zola*. São Paulo: Scritta, 1994.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.